

# O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 24.

SABBADO 15 DE SETEMBRO.

1860.

## ELEMENTOS DE ESTHETICA.

### II

#### DA ESCULPTURA.

I. Natureza desta arte; seu fundo, sua forma, seus materiaes. II Historia geral da esculptura.

I. Estudada a architectura, analysemos a esculptura.

Tivemos occasião de ver que a architectura é a primeira *phase* das bellas—artes, a sua forma mais tosca e menos animada. Immediatamente ligada á architectura, porém mais ideal, a esculptura lhe é muito superior na *idéa* ou fundo que exprime, e na forma dessa mesma expressão.

«O fundo essencial das representações da esculptura, diz Hegel, é o espirito encarnado n'uma forma corporea; é o corpo animado, vivo, e sobretudo o corpo humano com o qual a alma se identifica inteira. Mas daquillo que constitue o espirito humano a esculptura só representa a parte substancial, verdadeira, invariavel, a fixidez do character, e nunca o accidental e passageiro. Ora, este estado do espirito ainda não particularisado, inalteravel, concentrado, calmo, é o *divino* em opposição com a existencia finita que se desenvolve no meio dos accidentes e do acaso. Debaxo desta relação, a esculptura deve representar o divino em si, em sua calma infinita e sua sublimidade, eterno, immovel. Ella deve, por tanto, repellir os accidentes, e exprimir sómente o fundo do character. Este elemento fixo é o que a esculptura deve exprimir; ella representa seus personagens como seres completos e perfeitos em si, n'um repouso absoluto, livres de toda a paixão terrena, livres de toda a influencia estranha. O eterno nos denses e nos homens, eis o que ella é chamada a fazer contemplar n'uma clareza perfeita e inalteravel.»

Tal é a idéa que faz o fundo essencial das obras da esculptura. «Qual é, porém, continua Hegel, a forma sob a qual deve apparecer essa idéa? Já o vimos: é o corpo, a forma corporea. Mas a unica forma digna de representar o espirito é a *forma humana*. Com tudo, esta mesma forma humana, por superior que seja, deve, por sua vez, ser re-

presentada, não naquillo que a approxima da forma commum, da forma animal, mas em sua belleza ideal, isto é, livre, harmonica, reflectindo o espirito nas proporções dos traços que o designam, na pureza e regularidade de suas linhas. Emfim, ella deve exprimir o espirito, mas o espirito em sua calma, e serenidade, a um tempo alma e vida, mas antes de tudo espirito.»

Estas considerações sobre o fundo e a forma da esculptura levam-nos a indagar qual seja o *ideal* da belleza, não da belleza espiritual, mas da belleza physica no corpo humano.

Em primeiro lugar, diz Hegel, não se confunda esta maneira de considerar a correspondencia perfeita entre a alma e as formas do corpo em relação ás obras da esculptura com o estudo da correspondencia dos caracteres com certos traços do rosto ou formas da cabeça, estudo este que constitue a sciencia de Gall ou de Lavater. Sob o ponto de vista artistico, o que procuramos saber é de donde provém a belleza physica, a belleza do semblante, da physionomia, do corpo. A questão é facil de resolver-se.—No corpo humano, hem como em tudo mais, a belleza provém da harmonia: a belleza physica provém, portanto, da harmonia das formas, da regularidade das linhas do corpo.

Por tanto, diz Hegel, é este accordo harmonioso e necessario das formas que a esculptura deve procurar reproduzir. E como esse accordo só é natural nos traços geraes do character, segue-se tambem que o escultor deve abandonar tudo quanto for accidental, particular e transitorio.

Si a esculptura representa o espirito em sua maior elevação, n'uma serenidade divina; si a sua forma deve ser, por isso, a forma humana naquillo que tem de menos animal e mais ideal, é claro que um bom escultor depende de inumeras e difficeis condições. E' assim que, antes de tudo, o *perfil* attrae as atenções de todos. Mas o perfil só é digno da arte, só é perfeito, quando se approxima e realisa o perfil-typo, o perfil grego. Winkelmann, o sabio antiquario, que melhor comprehendeu e descreveu as obras primas da estatuaria grega, demonstra claramente que

o perfil grego é o ideal da arte. O mesmo diz elle, e o repetem Hegel e Cousin, quanto á *figura, ao ar, á attitude, á vestimenta.*

Terminando estas considerações sobre a natureza dest'arte, cumpre ter em vista uma derradeira observação de Hegel, reproduzida por Cousin e legitimada pelo bom gosto.

Assim como a escultura se distingue da architectura, assim deve separar-se da pintura. Erram todos aquelles esculptores que, a exemplo de Canova, quizeram reunir as *cores* empregadas pela pintura aos materiaes da escultura. Esta invasão da pintura nos domínios da escultura, é só em desproveito desta ultima. Uma estatua ganha tanto mais, quanto mais impassivel, mais serena, é a *côr natural* da materia de que é feita. A *côr propria* de uma estatua, diz Cousin, é a *côr de marmore*, tão cheia de vida e tão calma; ou antes é, sobretudo, a *côr que o tempo imprime na face dos objectos.*

Assim tambem, é reprovado o uso de muitos materiaes n'uma mesma obra. As estatuas gregas compostas de marmore, ouro e marfim a um tempo, não são as mais bellas; porque a verdadeira belleza está na simplicidade. Essa estatua do *Appollo de Belvedere*, feita de puro marmore de Paros, arrebatamais em sua magestosa simplicidade, do que os ricos metaes de Jupiter—olympico.

II. Já vimos que o genio dos povos do Oriente inclinava-se quasi exclusivamente para as creações de vastas proporções e fórmas gigantescas. O primeiro periodo das artes, a que chamamos *symbolico*, é, com effeito, a traducção fiel do character desses povos.

Assim, na primeira época, a architectura absorve o artista; ou antes, os povos é que são os artistas, e os monumentos pyramidaes as obras d'arte. Como as demais, a escultura não passou, pois, no Oriente, do periodo embryonario. Com tudo, são dignas de attenção algumas creações dos Egypcios, ainda que muitas dellas, pela sua vastidão ou disformidade, façam recordar a passagem da pyramide para a estatua; tal é a de Memnon junto ao lago Moeris.

No segundo periodo, porém, a estatuaria é, ao par da poesia, a rainha das bellas artes. A arte classica conta, com effeito, dous grandes homens: Homero e Phidias. Phidias é o typo do esculptor; a escultura grega é a perfeição da arte. Winckelmann tem completa razão quando assevera que não póde comprehender a arte quem não contemplou uma, si quer, das magnificas obras do cinzel grego.—Depois dos gregos e discipulos dos gregos, os

Romanos tiveram tambem o gosto da escultura. Como devia de ser arrebatadora a perspectiva dessas ruas, dessas praças, desses templos e palacios, de Athenas e Roma, adornadas de estatuas, primores das artes, a recordarem os mais gloriosos nomes da antiguidade classica!

No terceiro periodo, a escultura decaiu, ainda que Miguel Angelo, no seculo 16º, e Canova, em nossos dias, fizessem-na attingir quasi ao antigo esplendor de outr'ora. «Sem contestar, diz Hegel, a riqueza e habilidade que a escultura christan tem desenvolvido nas obras de madeira e pedra, e sua excellencia quanto a expressão, o principio christão certamente é pouco favoravel á escultura, por que querendo ella exprimir, com sua profundesa e vivacidade, o sentimento do christianismo, ultrapassa seus limites. Assim, a escultura christan torna-se antes um ornamento da architectura; ella esculpe santos, baixos-relevos para nichos e portaes das egrejas, &c. Dest'arte só outr'ora a Italia, com Miguel Angelo e a eschola de Florença, só David e Canova entre os modernos, pela grandesa do genio e estudo dos modelos gregos, poderam attingir á concepções elevadas, cheias de grandesa e magestade.»

T. B.

## EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

### XIX.

«O sonho é ventura;  
Deixae-me sonhar.»

(Gonçalves Dias)

Vamos sonhar um pouco, meus caros meninos; tambem se sonha, mesmo sem se estar dormindo, que é o que outros chamam—fazer castellos no ar; tudo é quasi a mesma cousa; tudo é effeito da imaginação ou da fantasia, que ás vezes nos transportam a um goso inexplicavel de prazeres, a um delicioso céu de encantos e magias.

Sonhemos, pois, e para que isto seja um verdadeiro sonho, comecemos já a enchergar aqui, uma protectora e bella fada, que com a sua milagrosa varinha de condão, vae fazer mil maravilhas.

Vêde como ella é linda!

«São d'ouro os longos cabellos,  
Gentil a doce figura,  
Airosa, leve a estatura;»

Como é encantadora !

«O sorrir dos labios della  
E' como a nuvem rosada  
Que ao romper da alvorada  
Passa risonha no céu.  
Tem ares d'uma princeza.»

(Gonçalves Dias.)

Que vem aqui fazer fada engraçada?—Trazer-vos dons celestes; e ireis agora ter :

«Por magica illusão enfeitada,  
Na terra—um chão de flores estrellado,  
E nos céus—outro chão de flores vivas!»

(Gonçalves Dias.)

E para que nos tocaes com a varinha? Mas a fada... o que é della?... Sumiu-se! Oh! maravilha!... o que estou vendo?... Cresceis com grande rapidez! Estudaes muito; eis-vos já examinados em todos os preparatorios; saístes plenamente approvados. Sois estudantes do curso juridico; ides bem, estudando muito. Estaes sendo examinados, respondeis bem, assim, assim... oh! que prazer... Estaes matriculados no segundo anno... no terceiro... no quarto... no quinto... Concluistes todos os estudos, sois hoje doutores!... Todos formados, todos com optima reputação... Mas que?... Ah! estão alguns de vós já feitos deputados... Eu vos sando Snrs. deputados Dr. Guita, Dr. Guingó, Dr. Toledinho e Dr. Eduardo; e a vós dignissimo senador Dr. Ribas, dou-vos os parabens. Senhor Doutor Theophilo, com que estaes feito ministro da fazenda; foi muito hõa a escolha, como tambem do Dr. Cazuzza, e do Dr. Maneco para juiz de direito. Ora viva Sr. Dr. Dezembargador Marques; viva o bravo general Maninho. Cá os nossos Doutores Juca, Janjão, Cassiano e Alberto foram muito bem escolhidos para presidentes.

A todos dou mil parabens; todos vos achaeis hoje doutores; todos empregados nos lugares mais importantes; uns presidentes, outros ministros, outros deputados, outros senadores; estes juizes, aquelles inspectores; e creio que vejo aqui um feito bispo. Todos ricos, todos respeitados, todos passando uma vida de delicias.

E como tudo isto é bom, e custou pouco; somente ler, aprender e ser honesto.

«Quem tão bem fadado  
Vivesse a sonhar.»

(Gonçalves Dias.)

Mas tantos doutores e excellencias aqui

juntos! acaso... mas que... eu noto agora... foi isto um sonho...

«O sonho é mentira  
Não quero sonhar»

(Gonçalves Dias.)

C. Y. 25 de Julho de 1857.

## MISERIAS DA ESERAVATURA.

(SCENAS VERIDICAS).

(Continuado de p. 190.)

### IX

Antonio e Rosa, apenas se viram em completa liberdade, ficaram perplexos. Elles sabiam que o viver nos mattos não os livrava completamente do perigo, que mais dias, menos dias seriam agarrados:—e então qual o grão de castigo que tinham de soffrer? Para elles a morte era preferivel, porque a experiencia lhes ensinára que os castigos infligidos em taes occasiões produziam muitas vezes o mesmo resultado. Ora, a escolha entre o soffrimento de muitos dias, e o soffrimento de alguns minutos não podia ser duvidosa.

Todavia a morte os espantou.

Elles eram tão moços ainda, seus amores tinham soffrido tantos reveses; seus amores não tinham ainda recebido esse derradeiro e doce toque sem o qual o amante não pôde dizer á amante, com a alma nos labios: Tua vida é a minha vida, teu corpo é o meu corpo: nós formamos um unico ser.

A idéa de morte os assustou. Elles se dirigiram para os mattos com intenção de buscarem as partes mais espessas. Caminharam por um trilho que lhes era conhecido até que o dia lhes viesse servir de auxilio para a escolha definitiva de um esconderijo.

Muitas idéas lhes passaram pelo espirito, todas ellas tendo em vista o evitarem a vida penivel e miseravel que tinham de levar nos mattos. Com effeito, baldos de todo recurso, a fome, o frio, etc., necessariamente não tardaria a tornar-lhes insupportavel a vida já tão miseravel.

Se fugissem para longe, para muito longe da fazenda, se buscassem os povoados e ali a subsistencia por meio do trabalho?—mas antes que lá chegassem os annuncios os precederiam, as inculcas se crusariam por todos os lados, a prisão era certa.—Se procurassem

o auxilio de um bom fazendeiro, como ha alguns nos arredores, se alcançassem assim, com a mudança de Senhor, o allivio de suas dores?—impossivel; elles conheciam o fundo de seu Senhor, sabiam que dinheiro nenhum era bastante para furtá-los ao prazer de um castigo, digamos a palavra, ao prazer de uma vingança.

Emfim, por mais tractos que dessem a imaginação, os pobres africanos haviam comprehendido que a sua sorte estava decidida, que a questão dependia do tempo.

O dia veio pouco a pouco despontando.

Elles ouviram longe, confuzamente o toque monotomo da busina do feitor.

Era a hora fatal. A casa ia pôr-se em movimento; o fazendeiro ia saltar da cama, furioso como uma onça, ao saber do desaparecimento dos dois escravos. O coração lhes bateu com força, e elles,—creaturas ignorantes, tiveram medo... não da morte, porém que os viessem separar.

Por isso, apressaram-se a se entranhar pela espessura dos mattoes.

Voltemos para a casa do fazendeiro; a scena que ali se passa é curiosissima, o ridiculo transpira por todos os lados modificando a parte selvagem que tem a scena.

Ao toque da busina os pretos se puzeram em pé, e ai d'aquelle que o não fizesse! uma preta, na entrada do quarto do fazendeiro, repetiu o habitual: *Loucado seja nosso Senhor Jesus Christo*, que por abreviação elles dizem, *Sôsôchristo*, e pediu as chaves para abrir as portas.

O fazendeiro acordou-se do delicioso somno, *espriguiçando-se* e esfregando os olhos repondeu á preta, com voz do maior socego do mundo:

— Diga ao feitor que antes de partir para o serviço applique mais cincoenta no Antonio.

A preta dirigio-se á mesa, e tacteando procurou as chaves.

— Aqui não estão as chaves, Senhor.

— Procura bem, besta! eu mesmo dei-te-as ali! queres que te abra os olhos?

Mas a preta procurava em balde.

— As chaves não estão aqui, Senhor.

O fazendeiro pulou da cama, dando um grande bofetão na preta mandou-a que abrisse uma janella.

Elle tambem procurou em balde.

— Inferno!! blasfemou elle; chamem Rosa aqui!..

Parte selvagem: um homem, com os cabellos erriçados, com os olhos chamme-

jantes, blasfemando como um descreido, dando grandes *murros* sobre a mesa, fallando em morte e sange, etc.; parte ridicula: um homem de *ceroulas*, com a camisa de fora, pés descalços, passeando de cá para lá, respondendo barbaridades á sua mulher que, meio deitada, meio levantada, sobre o leito, o interroga; uma eriança que grita de medo n'um canto da cama, escondendo o rosto com as cobertas; uma preta que se retira, com cára de idiota, olhando para traz, olhando para diante quasi ao mesmo tempo.... Felizmente que a parte ridicula sombrêa o selvagismo d'esta scena repugnante para quem tem um pouco de pundonor.

A preta voltou, e com muito custo,—tal era o medo de que estava possuida, pôde dizer:

— Rosa desapareceu de casa.

Um raio fulminou o nosso bom homem, mas um raio de raiva, de desespero. Não o procuramos pintar n'este ultimo acceso, a penna se recusa, porque teriamos de pintar uma verdade e essa nos é mui dolorosa. Para aquelles que nunca viram scenas d'estas deixamos-lhes livre a imaginação, insufficiente com tudo para lhes dar uma idéa; para aquelles, porém, que já as tem visto, um esforço de memoria basta para convencellos que nós temos razão em não querer pintá-la.

O desaparecimento de Rosa explicava o desaparecimento das chaves; porém o que mais era, uma idéa passou pelo espirito do fazendeiro: Rosa, se quizesse fugir, não precisava de chaves, entretanto roubou-as,—para que? O facto estava claramente deduzido, mas o crime era de uma enormidade tal que elle não acreditou que um negro se animasse a praticá-lo.

O feitor veio logo confirmar que um escravo podia muito naturalmente commetter esse crime, cujo verdadeiro nome, n'este caso, é—dedicação.

Este homem, que morava poucos passos distante da casa do fazendeiro, depois de tocar a busina, veio ao encontro dos pretos, ou antes acabar de levantar os menos diligentes á força de relhadas. O caminho passava junto ao quarto do tronco; e foi com grande espanto que elle viu este quarto aberto. Levado instinctivamente a entrar nesse lugar, onde elle sentia o coração bater-lhe... de prazer, o feitor achou-o vazio, o tronco aberto, e as chaves dispersas pelo chão...

— O demonio fugio!.. soltaram-no!.. gritou elle ajuntando as chaves.

Depois correu e abriu a porta da rua, atravessou os corredores e foi entrando pelo quarto do fazendeiro sem lhe pedir licença.

— Antonio fugio, patrão! alguém de casa foi solta-lo, as chaves...

— Foi a Rosa, essa má peste que tambem desapareceu!...

Um dialogo de descompostura cujo alvo eram os dois africanos, terminou por serenar um pouco a colera dos dois offendidos.

Feito isto o fazendeiro deu as ordens necessarias para que os dois fugitivos não podessem escapar.

O creoulo entretanto appareceu. Era um semblante digno de representar os sentimentos de tal alma. O espanto, o medo, a raiva, tornára este semblante verdadeiramente confuso. O fazendeiro incumbio-o de procurar os fugitivos por um caminho que levava ao cafetal, e ia-se perder n'uma grande matta. Era justamente o trilho que seguiram os fugitivos. O fazendeiro recomendou-lhe que fosse bem armado.

— Malditos negros! dizia elle passeando pelo quarto. Se eu os tractasse como os tracta o meu visinho, se eu os deixasse morrer de fome, se eu os castigasse como elles merecem, vá, tinham de que fallar!.. Mas eu que os tracto tão bem, que os visto, que lhes dou comida sufficiente,—fazerem-me d'estas? Malditos! ai d'elles se os pilho, agora terão Senhor como desejam!..

O fazendeiro era implacavel na sua cegueira: elle não via que dirigia contra si uma ironia terrivel... felizmente que a ironia era de boa fé...

(Continúa.)

### Teus olhos.

Amo teus olhos que desprendem chammas,  
Que o peito abraçam, que nos dão amor;  
Amo esse pejo que te sobe ás faces,  
Os teus sorrisos, a tristeza, a dor.

Mas os teus olhos, que são negros, negros,  
Fazem render-me sem saber porque;  
Minh'alma prendem, meus sentidos matam,  
Visões celestes nos meus olhos vê!

Lumes scintillam os teus ollios bellos,  
Como as estrellas, que no ceu estão;  
Dizem teus olhos: meu amor é d'anjos;  
E os anjos dizem: que formosos são!

Aves descantam nas umbrosas selvas,  
A' noite geme o solitario mar;  
A lua corre sem toldar-lhe nuvens,  
A terra e tudo nos convida a amar.

Como são baixas d'este mundo as cousas,  
Vendo em teus olhos a formosa luz!  
Não ouço cautos, não contemplo a noite,  
De prata as ondas eu não vejo a flux!

Castos e castos são teus bellos olhos,  
Como os das virgens que no céu estão.  
Dizem teus olhos: meu amor é virgem...  
E as virgens dizem: que formosos são!

Ou seismem cousas da enganosa terra,  
Ou Deus, ou anjos, ou celestes amor;  
Amo teus olhos que emudecem tudo,  
Que fallam n'alma com tamanho ardor!

Palmeiras busca o sabiá canoro,  
Sombras suaves a palmeira dá;  
O orvalho anima a resequida planta,  
A flor mimosa que pendida está!

Orvalho doce, delectosa sombra  
Teus lindos olhos exprimindo estão.  
Dizem teus olhos: tenho amor eterno...  
E diz o Eterno: que formosos são!

1853.

A Marques Rodrigues.

### MOSAICO.

Fome: E' a conselheira do crime.

Coroa: E' um circulo d'ouro guarnecido por fóra de brilhantes, mas que tem por dentro pontas agudas que ferem sempre a quem a põe.

Deficit: supplemento do orçamento.

Fumo: E' um vapor que guia barcos e hemens. Sustento que muitos preferem a alimentos substanciaes.

Espada: Logica irresistivel. Arma que traz muita gente que d'ella não sabe servir-se.

Remorso: Inferno terrestre: consola os bons da prosperidade dos máos.

Palavra: E' o vestido do pensamento.

## O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 192.)

D. FRAN.—Ainda não! (*Avançando para Simões*).

SIM.—(*Com o maior sangue-frio, aproximando-se da mesa*). Quer matar-me primeiro?—mas olhe que isso vai dar n'uma carnificina horrivel!.... (*Toca a campainha*). Não de acudir seis pessoas, todas capazes de fazê-lo em postas. (*Aos creados, que entram com tochas e um delles com um candelabro*). Um de vocês vá chamar o medico, porque aqui o senhor, vendo a senhora desmaiar, chamou-me para acudir-lhe. Não foi assim, sr. cavalheiro? (*Sahe um creado: os outros prestam soccorros á Maria*).

D. FRAN.—(*A um dos creados, baixo*). Como pôde este homem entrar aqui?

CREADO.—Eu por mim não sei.

SIM.—(*Observando os dous e aproximando-se do creado*). Você conhece este senhor?... (*A' parte*). Foi elle quem lhe deu entrada....

CREADO.—Eu!.. eu!..

SIM.—Pegue naquelle candelabro e vá alumiar o senhor até a porta.

D. FRAN.—(*A' parte*). Miseravel!

SIM.—Como sabe dar entrada ha de tambem saber dar sahida. (*O creado toma o candelabro e sahe acompanhado de D. Francisco*).

D. FRAN.—Oh! hei de vingar-me!

SIM.—Tome lá o seu relógio, sr. cavalheiro. (*D. Francisco volta, toma o relógio e sahe*). Não empreguei mal os cinco minutos que me restavam. Sr. Eduardo Simões, isto de casamento.....

FIM DO ACTO QUARTO E DO QUADRO QUINTO.

## Acto quinto.

## QUADRO SEXTO.

Salão.

SCENA 1.<sup>a</sup>

O Conde, um magistrado, parentes.

COND.—Creio, senhor, que foi de balde que V.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> veio hoje aqui.

MAG.—E porque razão não podemos dar

começo á averiguação da loucura do sr. Visconde?

COND.—Em primeiro lugar porque a familia toda não está reunida. A sra. Condessa, minha mulher, conserva-se á cabeceira de sua cunhada, que ha muitas horas está n'uma lethargia profunda.

MAG.—Diceram-me que...

COND.—Depois o sr. D. Francisco de Menezes, que tambem assignou o requerimento, está ausente. Mandei-o chamar, porém já se está demorando.

MAG.—Esperemos.

SCENA 2.<sup>a</sup>

Os mesmos, a Condessa.

CONDES.—(*Entrando*). Para qué esperar?

TODOS.—Como?

CONDES.—(*Ao magistrado*). Desde que Fernando voltou para junto de sua mulher; desde que em balde tentou chamá-la a si, todos os seus actos teem sido uma affronta á nossa consideração, á nossa fortuna, á nossa honra.

MAG.—Uma affronta, como?

CONDES.—Porque tem vociferado desabridamente contra todos os seus parentes, attribuindo-lhes a morte de sua mulher. Portanto não devemos, não podemos perder tempo, e os nossos interesses os mais sagrados exigem a sua immediata prizão; e em nome desses interesses que nós exigimos a verificação da demencia do Visconde.

TODOS.—Todos nós a exigimos tambem.

SCENA 3.<sup>a</sup>

Os mesmos e Fernando.

FERN.—E eu... peço justiça!

TODOS.—Justiça?..

CONDES.—Justiça, de qué?

MAG.—Explicae-vos, senhor.

FERN.—Por toda a parte armam-me laços e traições; estes querem despojar-me da minha fortuna, aquelles roubar a minha honra, outros destituir-me da minha razão:—era o que de ha muito deveriam ter feito! assim não soffreria o que soffro, não veria Maria no estado em que a vejo!—Maria! que as minhas lagrymas não teem podido despertar desse somno terrivel, de que talvez só a morte a desperte! (*Desorientado e afflicto*). Justiça, senhor! justiça!

MAG.—Senhor, fallae-me sem receio.

FERN.—Vou confiar-vos tudo, como si fosseis um sacerdote, como si me dirigisse a Deus.

MAG.—Vossa mulher tinha tambem inimigos?

FERN.—Tinha-os, sim.

CONDES.—Inimigos, não!—tinha pessoas desaffectedas, cujo nobre orgulho fôra menoscabado por seu casamento; mas inimigos—nunca os teve.

MAG.—Mandae chamar um medico, senhor. *(Ao Conde)*.

CREADO.—*(Annunciando)*. Ahi vem o sr. doutor com a sra. Viscondessa, meu senhor.

MAG.—Pódes retirar-te.

CREADO.—Sim, meu senhor.

COND.—*(Ao magistrado)*. Acreditaes, senhor, que se attentasse contra os seus dias?

MAG.—Nada acredito, senhor: espero. Cumpre averiguar primeiro este negocio. *(Aos parentes que se retiram)*. Far-nos-heis o favor de deixar-nos a sós, senhores?

#### SCENA 4.<sup>a</sup>

*Fernando, o Conde, a Condessa, o magistrado, Maria, o medico.*

MAG.—Por aqui, por aqui... *(Maria entra, nos braços do medico e de alguns creados, que sahem logo depois)*.

FERN.—Então, doutor?....

MED.—Foi um narcotico que tomou.

TODOS.—Um narcotico!

MED.—E si minhas prescrições não fallarem, a doente daqui a pouco despertará.

FERN.—Sim: Deus ha de restituir-m'a.

MED.—Seu pulso reanima-se, seus musculos distendem-se...

FERN.—Sim, ella respira!

MAR.—Ah!.. *(Levanta-se lentamente, olha successivamente para todos que a cercam: para o medico—admirada, para a Condessa e para o Conde com horror; depois seus olhos filam-se em Fernando, que está de joelhos junto della, e solta um novo grito, não oppresso e doloroso como o primeiro, mas de alegria e expansão)*. Ah!

FERN.—Sou eu, Maria.... sou eu.

MAR.—*(Allucinada e confusa)*. Fernando... não me deixes... porque tua presença minora o meu padecimento. Si tu soubesses... como tenho soffrido!..

FERN.—Pobre Maria....

MAR.—*(Tomando-lhe a mão e levando-a*

*ao coração)*. O meu mal está aqui!—aqui, onde tens a tua mão...

MAG.—Sabeis dizer-nos a causa do vosso somno?

MAR.—Foi um somno horrivel. uma lethargia medonha!... Suppunham-me todos sem sentidos e eu ouvia... sentia o meu coração palpitar e o doutor dizia que elle estava sem movimento... o sangue queimava-me as veias e diziam que eu estava inanimada... o coração ardia-me em fogo e diziam que elle estava frio... Soffria... soffria... e não podia dizer:—soffro! ouvia os teus soluços, Fernando, e não podia dizer-te:—pede por mim a Deus, mas não chores... porque ainda vive a tua querida Maria...

FERN.—Que supplicio, meu Deus!

MAR.—*(Derepente, apertando a fronte com as mãos)*. Mas não sei... não posso lembrar-me... da causa deste lethargo... deste lethargo profundo... de balde...

MED.—Não molesteis assim a vossa razão, senhora.

FERN.—Socega, Maria, socega...

MAR.—*(Adiantando-se)*. Sim!.. lembra-me agora... estava sósinha contigo... depois... saliiste... appareceu um homem!.. Ah! *(Procura desvencilhar-se dos braços de Fernando)*.

FERN.—Maria!

MAR.—*(Adiantando-se ainda)*. Esse homem... chegou-se a mim... um somno horrivel apoderou-se de mim... calhi!..

FERN.—Maria! minha mulher! minha amiga!

MAR.—*(Cobrindo o rosto com as mãos)*. Tua mulher!—não me dês esse nome, Fernando... não me apertes em teus braços... porque... porque... estou... estás deshonrado!... *(Cahindo sobre uma cadeira)*.

FERN.—Meu Deus! deshonrado!...

#### SCENA 5.<sup>a</sup>

*Os mesmos, Simões e Graça.*

SIM.—*(Entrando alvoroadamente, acompanhado de Graça)*. Qual! não, senhor... o que ha é uma trama horrivel contra esta senhora, contra o sr. Visconde...

MAG.—Uma trama?

FERN.—Oh! falla, falla!

MAG.—Em nome da lei, fallae.

SIM.—Nem precisava tanto. Fui á casa do sr. D. Francisco de Menezes procurá-lo para assignar um papel, *(á Condessa)* um riquissimo papel, que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> bem conhece...

Sahimos juntos : separamo-nos depois e como elle se dirigisse para aquí, accompanhei-o de longe : o sr. D. Francisco entrou nesta casa, e, como nella tenho tambem entrada franca, segui-o ainda : puz-me então á espreita e ouvi tudo : entrei no aposento, obriguei-o a sahir, chamei gente, acudiram todos, a sra. Viscondessa estava sem sentidos...

FERN. e MAR.—(Tendo-o esculado com a maior ansiedade). Oh! obrigado, meu amigo, obrigado!

SIM.—(A' parte). Que sustos raspam os sugueitinhos!... tambem o negocio não era para brincado!.. salta!

MAG.—Não saia ninguem, ninguem se retire d'aquí; vou mandar lavar um auto do occorrido. E V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, sr. Conde, mande da minha parte intimar ao sr. D. Francisco de Menezes a comparecer aqui immediatamente.

FERN.—(A' parte). D. Francisco!... Oh! a punição da justiça seria muito tardia, muito demorada para tantos crimes! Justiça—hei de eu fazê-la! (Tomando Simões pelo braço). Simões, meu amigo, espreita a sua chegada...

SIM.—De quem?

FERN.—Delle! desse homem!. Quero ser o primeiro a fazer-lhe as honras desta casa.

SIM.—Conte comigo, sr. Visconde. (Tomando Graça á parte). Patrão, desta feita vae tudo raso com os diabos!

GRA.—(Depois de ficar por alguns instantes de boca aberta, pasmo e indeciso). Eu cá não me metto nestas cousas! Nada! não nasci para mata-mouros.

FIM DO QUADRO SEXTO.

## QUADRO SETIMO.

Avenida no parque da casa do Visconde d'Avila.

SCENA 1.<sup>a</sup>

Simões, espreitando ao fundo; Fernando e Graça, sahindo de um lado.

FERN.—Então, Simões?

SIM.—Lá vem elle, no fim da avenida.

FERN.—Até que finalmente!...

GRA.—(Tremendo). V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, sr. Visconde não póde dispensar-me?...

FERN.—Não, porque serás uma das testemunhas.

GRA.—E' muita honra, mas não sei si um tabellião publico.... (A' parte). Ora faltava-me mais esta.... Servir de testemunha!—eu! que não tenho animo para ver matar uma gallinha!...

SIM.—Ei-lo ahí, sr. Visconde.

SCENA 2.<sup>a</sup>

Os mesmos, D. Francisco.

D. FRAN.—O magistrado mandou-me chamar sem duvida para ser interrogado a respeito da demencia...

FERN.—Pára.

D. FRAN.—O Visconde! —o que me quereis?

FERN.—Quero matar-te.

D. FRAN.—Matar-me?

FERN.—Aqui estão estas armas: escolhe. (Apresenta-lhe duas pistolas).

D. FRAN.—Um duello! neste logar! sem testemunhas?

FERN.—(Designando Simões e Graça). Estes senhores podem servir-nos para isso.

SIM.—(A D. Francisco). E até fazer o seu testamento, si V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> quizer.

D. FRAN.—(Depois de reflectir). Não accetto o duello: não quero bater-me com-vosco.

FERN.—Porque não?—Será porque um nobre-villão não deve bater-se com um homem de bem?

D. FRAN.—Não me hei de bater, não!

FERN.—Ainda mesmo que te diga que te introduziste em minha casa como um ladrão, e que della foste repellido e depois expulso até por um vil creado?...

D. FRAN.—Mesmo apozar disso.

FERN.—Ainda mesmo que repita o ultrage que já te fiz e de que nunca te vingaste, miseravel?.

D. FRAN.—Ainda mesmo que quizesse fazê-lo, não podia accetar um duello com-vosco.

FERN.—Porque não te poderás bater comigo?!

D. FRAN.—Porque.... estaes louco.

FERN.—Eu! louco?!

D. FRAN.—Sim.

SIM.—(Baixo) Que tratante! quer aproveitar-se disto?

(Continua.)